

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

**ESCOLA DE ENFERMAGEM**

**NUPEQS - Núcleo de Pesquisas e Estudos  
sobre Quotidiano em Saúde**

*Sub Grupo História Oral*

*A História da Escola de Enfermagem Carlos  
Chagas*

**GERCY KELLES VIEIRA.**

**Belo Horizonte  
Minas Gerais**

## SUMÁRIO

### FITA 1 - LADO A

Dados pessoais; a infância; o bairro onde morava; o motivo da vinda para Belo Horizonte; a sua formação; a união e religiosidade na família; como ficou sabendo do curso; a amizade da família com dona Rosa de Lima Moreira; o emprego na Secretaria de Agricultura; as influencias recebidas na opção pela Enfermagem; o apoio da família na escolha; preconceitos da sociedade em relação à profissão; a seleção; o ingresso na EECC; a sua turma; o motivo de desistências do curso; o rigor e conflitos entre a irmã Emília Clarízia e as alunas do internato; a localização do internato; o internato da avenida Getúlio Vargas; o transporte das alunas na “Coramina”; colegas de turma; a mudança de endereço da EECC; as instalações da Escola no Hospital São Vicente; funcionários da Escola; os professores; sobre a irmã Clarízia e o relacionamento com as alunas; o relacionamento com professoras; a aluna Delba [transgressões]; alguns professores , suas disciplinas; o currículo; a ética e a submissão aos médicos; disciplinas e a professora que mais gostou;

### FITA 1 - LADO B

Locais de estágios; a supervisão e o relacionamento com as enfermeiras; mudanças da forma de ingresso devido à LDB/1961; o ensino teórico; as provas; a utilização de ampla apostila; os estágios de Saúde Pública e as atividades desenvolvidas; os estágios que mais gostou; o envolvimento com uma paciente; o “policiamento” das alunas; a participação e o uniforme usado em festas; o uniforme dos estágios; a atuação do Diretório Acadêmico; uma greve de trabalhadores da construção civil; a saída da irmã Emília Clarízia; o reencontro com ela, no Rio de Janeiro; os atendimentos domiciliares; sobre Marina Andrade Resende; a atuação dela, mesmo internada em reunião no hospital; sua morte; a formatura; o quadro de fotografias das formandas feito pelo pai de uma formanda; o despreparo após formatura; os plantões com uma colega num hospital infantil para se sentir mais segura; o retorno ao trabalho na Secretaria de Saúde; convite para ser professora na Escola; a força de colegas para aceitar o cargo; a licença da Secretaria.

### FITA 2 - LADO A

A licença da Secretaria de Saúde; o concurso da Secretaria para enfermeiro; a disponibilidade de enfermeiros para a atuação no curso para Auxiliares de Enfermagem no Hospital São

Francisco e a filosofia adotada; a mudança na direção do Hospital e o recesso da escola; o internato oferecido; os estágio das alunas da EECC; o trabalho concomitante na EECC e no Hospital; a rápida passagem pelo Orestes Diniz; a aposentadoria da Secretaria de Saúde; o mestrado em Fundamentos de Enfermagem em São Paulo; sobre Wanda de Aguiar Horta; porque não terminou o mestrado; o tema escolhido; a reação na EECC quando voltou; sobre a desanexação; a repercussão da departamentalização na EECC; a entrada do primeiro aluno do sexo masculino na Escola; os estágio oferecidos e limitados; a reação deles; a mudança na Escola com a saída das freiras; o fechamento do internato; professoras que moravam no internato; como era a redondeza da Escola; a capela nas sedes da Escola; um quadro que era da Escola; a retirada da capela; participação em congressos; sua aposentadoria da Escola; a doença e morte de algumas professoras; a doença de Lídia de Queiroz Rocha; a CAEEEn [Coordenadoria de Assistência e Ensino de Enfermagem EEUFMG/HC], as dificuldades e os ganhos da proposta de ensino-serviço.

## **FITA 2 LADO B**

Continua falando sobre a experiência da CAEEEn; quem participou; como o “sonho” acabou; como vê a enfermagem hoje; os avanços tecnológicos; sua experiência em ataduras; sobre a “solteirice” de muitas enfermeiras.

## ENTREVISTA

### FITA 1 – LADO A

Geralda: Gercy, seu nome completo.

Gercy: Gercy Kelles Vieira.

G: Gercy onde que você nasceu e quando que foi?

GY: Cocais, Cocais é um distrito de Barão de Cocais, em 17 de maio de 1924.

G: Fala pra gente um pouco sobre a sua infância, sobre a adolescência, sua família, sua vida em Cocais.

GY: Ah, de Cocais a gente se lembra muito pouco, porque nós viemos, eu tinha cinco anos quando a gente veio de lá, então eu recordo muito pouco de Cocais, sei que era muito bom muito agradável ver a nossa avó ali que era é, um lugarzinho assim tranqüilo, né, havia muito espaço que a gente vivia, né? Ficava saltando córrego, né, e brincando na rua muito mesmo, e viemos pra aqui [Belo Horizonte], fomos morar lá no [bairro] Pompéia. Ainda era aquele lugarzinho, era uma casinha e outra, nem condução [tinha], até que o ônibus chegou lá. Até isso, até aí, a gente andava de trem, havia uma estaçõzinha, né, que chamava parada, parada da Abadia; logo o ônibus chegou, mas era aquele ônibus demorado.

G: Qual o motivo da vinda de vocês pra Belo Horizonte. Era você e quantos irmãos?

GY: Nós éramos oito irmãos e não tinha assim, meus irmãos mais velhos já tinham completado o primário e meus pais queriam que eles continuassem a estudar. Foi um dos *principais motivos da vinda e foi ficando lá o lugar era, era muito pequeno, né, muito restrito pra progredir pra meu pai progredir é de modo a manter a família do jeito que gostaria, então viemos pra cá. Logo a família foi se encaminhando a gente começou a estudar.*

G: Como que era a vida entre vocês, o relacionamento, a vida religiosa, como era o relacionamento de vocês, irmãos e pais?

GY: Era aquela, aquele estilo de família tradicional; patriarcal, minha mãe muito delicada, costurava pra todo mundo; fazia dentro de casa e foi nos ensinando a fazer as coisas em casa, até que a gente foi crescendo e se liberando um pouco dessa, dessa atividade doméstica.

G: Como é que foram os cursos seus?

GY: Era assim, você tá falando de, de, da, de vida afetiva?

G: É.

GY: Era aquele sistema, né, muita união de todos muita religiosidade também, a gente sempre foi da religião católica, muito assim de vida, praticada. E muito amigos né, os irmãos muito unidos muito amigos e depois, você perguntou como é?

G: E aí como é que foram os seus cursos, como é que foi a sua formação escolar.

GY: Ah, eu fiz, era o curso primário depois o ginásial, né? Depois o colegial se chamava, era dividido principalmente em três, três modalidades que era científico, clássico e, e magistério, normal, né, e tinha de contabilidade também, né, porque meu irmão fez contabilidade. Eu então, fiz o ginásial no, como é que se chamava... era uns, uns ginásios ...é realizados, né, por aquele pessoal pelos da Faculdade de Filosofia, porque não havia Faculdade de Educação, não tinha essa organização, na universidade e a escola, o curso de Filosofia, os alunos mantinham é, ginásios, cursos ginásiais, para treinamento mesmo deles né, e eu fiz o ginásio desses, que funcionou no, no Grupo (Estadual) Francisco Sales lá no Barro Preto era muito bom, de nível ótimo, dali eu fui para fazer o clássico porque eu tinha vontade de fazer letras, gostava muito de letras, fui fazer no (Colégio) Municipal. E já no 3º ano apareceu uma, apareceram duas moças da enfermagem, falando sobre, era da Semana da Enfermagem falando sobre enfermagem e eu gostei daquilo.

G: Que moças eram essas? Você se lembra?

GY: Alunas, alunas da Hugo Werneck.

G: Você se lembra do nome delas?

GY: Não, não, não me lembro nunca mais soube dessas moças, não chamava Hugo Werneck não, como é que se chamava? [inaudível] da Santa Casa.

G: É da Santa Casa. Elas foram falar sobre a enfermagem pra vocês.

GY: Sobre a enfermagem, é.

G: Ahn, e aí?

GY: Estavam falando dos [diversos critérios] e aí eu gostei da idéia e naquele mesmo [inaudível] deu os endereços da Santa Casa, aqui, da Carlos Chagas [inaudível] e me informei com uma moça que já era minha amiga, trabalhava no laboratório do hospital... a Zizi, Conceição, né, Maria da Conceição, que se chama, era Zizi.

G: Por que você escolheu a Carlos Chagas e não a Hugo Werneck, você procurou a Carlos Chagas?

GY: Porque eu soube que a dona Rosa Moreira [riso] era de lá, né, e a dona Rosa já era nossa amiga, desde que a gente era criança que tinha vínculo; foi uma das pessoas que a gente entrou logo em contato porque atendia muito a, a minha mãe nos nossos cuidados, né, aquelas doenças de criança, aquela coisa da, a dona Rosa tinha uma farmácia na rua Pouso Alegre, né? E a gente ia lá e as consultas farmacêuticas, né.

G: Pode nos dizer quem influenciou mais você a fazer enfermagem?

GY: Foi o meu trabalho com uma amiga no hospital.

G: Como...?

GY: O meu trabalho de companhia, né, eu ficava de companhia é com uma amiga no hospital, fiquei oito meses, nove meses seguidinho com essa amiga minha, ela tinha artrite reumatóide ligada a psoríase, então havia aquelas crises [as duas vezes] ficava uma temporada no Hospital da Previdência, e dessa vez foi seguido. Eu trabalhava na Secretaria de Agricultura [pigarreou] como ela também.

Valda: Você terminou o curso de letras então, e começou a trabalhar?

GY: Não, não, não cheguei a completar. Eu fui num.[inaudível]

V: Você trabalhava com...

GY: Na Secretaria da Agricultura.

V: Como...

GY: Datilógrafa.

V: Ah!

GY: E essa minha amiga também, né, aí eu achei que eu dava conta, gostaria, que eu me daria bem com as atividades.

G: É porque ela não chegou a fazer letras não, do clássico ela já passou.. .

GY: Já passei pra enfermagem

G: Quer dizer que a influencia dessa amiga, dona Rosa.

GY: Dona Rosa, que [gagueira], procurar a Carlos Chagas, né.

G: É, como que a sua família, seus amigos, eles reagiram com o fato de você fazer enfermagem

GY: Muito bem, muito bem, ih minha mãe uma satisfação muito grande, ela faleceu [antes de eu completar o curso, mas todos gostaram muito, minha família apreciou, né, apreciou].

G: Pra sociedade?

GY: Meus irmãos deram um aparelho de pressão completinho, né, e estetoscópio.

V: De presente.

GY: E, o meu padrinho que era meu primo me deu um estojinho de termômetro. Você precisa de ver, é uma jóia de ouro com uma pedrinha, só que a pedrinha é verde, ah, eu não sabia [riso].

G: A família toda gostou e apoiou.

GY: Gostou.

G: E, e a sociedade como que via uma enfermeira nessa época?

GY: Já estava melhorando viu? A, a aquela idéia, preconceito, o enfermeiro já tava bem melhor.

G: Como que era esse preconceito lá?

GY : Achavam que enfermeira era mulher que estava procurando médico, boa vida, a idéia era essa, em geral. Mas na época em que eu fui, na década de 60, já estava mudando muito; a enfermeira já tinha certo conceito, [inaudível] muitos, muitos lugares, muitos [inaudível] inclusive na secretaria, né? Eu trabalhava na Secretaria da Agricultura, houve alguém que falou assim: “Você tem que ir pra Secretaria da Saúde que é setor próprio, o que que a enfermeira vai fazer na Agricultura”. Ah, eu sei que eu já sabia que a enfermeira tava em qualquer lugar, em qualquer campo, né ? Qualquer setor. Tudo bem, você acha que não tem atividade não tem, eu não posso ter atuação aqui, eu vou, e providenciei a transferência, consegui. Não sei se vocês conhecem José Pinto Machado, doutor José Pinto Machado, ele que me deu essa transferência, na época ele foi secretário.

G : Você é, vamos falar primeiro como que era, como que foi a seleção, teve algum teste pra poder entrar? [na EECC]

GY : Teve, teve

G : Como é que foi isso?

GY : O teste constou de, de conhecimentos gerais, uma prova, né, de conhecimentos gerais. Foram uns 2 ou 3 dias de prova ,sabe, e de conhecimento assim mais específicos relativos a ciências né? E um, mais de, de, de encaminhando para psicologia, sabe, assim com tempo determinado, é, é, perguntas assim mais dirigidas, né, para aquele campo de psicologia.

G : Tipo psicotécnico.

GY : Tipo psicotécnico mesmo. Era, era a, a irmã falou que era psicotécnico.

V : Qual irmã?

GY : Irmã Emilia, irmã Emília Clarízia

G : Fala pra gente da sua entrada no curso, desde a seleção, quantas alunas, o que que você se lembra dessa entrada inclusive dessa época da irmã Emilia Clarízia.

GY : Eu, era uma turma enorme, né, que eu me lembro bem quase 50! E eram só mocas, e eu fui muito bem classificada, eu fui lá, saber o resultado, a irmã veio me cumprimentar que eu tinha sido bem classificada no teste da seleção. E eu gostei muito da turma, me entrosei bem. Eu era das mais velhas da turma, os extremos eram Ana Lúcia [Magela] e eu, né.

G : Como assim ?

GY : De idade, Ana Lúcia era um pouco mais que adolescente e era a mais nova da turma, uma turma numerosa, e assim bem, bem heterogênea, né

V : Como assim, quais as diferenças que havia entre vocês?

GY : Primeiramente de, de, de cultura mesmo; base,né? A gente não tinha base não, não foi, foi diminuindo, foi selecionando mesmo.

V : Durante o curso?

GY : É.

G : Foram desistindo alunas?

GY : Foram desistindo.

G : Foram desistindo ou foram desligadas do curso ?

GY : Foram desistindo, desligadas, eu não lembro de ninguém

V : Ninguém foi convidado a... [risos].

G : Deixar o curso.

GY : Teve uma que foi convidada a se transferir.

G : Qual o motivo?

GY : Eu não sei porque, ela era muito fraca. Mas tinha possibilidade né de, de ir pra outra escola, a conversa foi essa, ela foi convidada a mudar de escola.

V : Só por causa do problema intelectual ou ela tinha algum procedimento...

GY : Não, não, não, era intelectual mesmo, ela era inclusive, tinha uma saúde frágil, sabe? E ela foi pro Rio de Janeiro, pra Escola Luiza de Marillac.

G : Gercy quais os motivos, além dessa questão de conhecimento levaram as alunas a desistir do curso?

GY : Havia problema da disciplina, né, aquele rigorismo, né? Freira, essa foi o tipo que, dava muito problema, principalmente as internas, né? Eu nuca fui interna, mas a gente convivia muito bem, e era a reclamação.

V : Com relação a quê, a maior parte das reclamações?

GY : Dos rigores, de regulamento, regulamento muito rigoroso, né?

G : Vamos falar um pouquinho sobre isso, sobre essa questão do que que você se lembra. Como que as alunas, você não era interna, você morava com sua família, agora como que era a vida no internato para suas colegas, o que que elas falavam, como é que era? O que que você sabia do internato na época em termos de funcionamento, quem, pagava, quem não pagava, que alunas que ficavam lá, quem que morava lá, o que que você se lembra ?

GY : Pagamento não havia, né, mas havia, muito, muita exigência, principalmente quanto a horários. E determinações assim de, de vestimenta, por exemplo, você não podia usar certas, certa roupa, principalmente no internato. Você não podia andar mais à vontade.

V : Onde que era o internato nessa época ?

GY : Era no 3°.

G : 3° andar.

GY : 3° e 4° , né?



V : Já era na Escola de Enfermagem atual ?

GY : Não, anteriormente, lembra ? Antes de, da, da escola, era numa casa que eu cheguei a ir uma vez só. Na Avenida Getúlio Vargas com, uma esquina ali.

V : [número] 167.

GY : É, né, uma casa muito bonita né, aquela fachada muito bonita [inaudível].

G : Você foi lá uma vez só.

GY : Uma vez.

V : O que que você foi fazer lá ? Que que tinha lá ?

GY : Não me lembro bem, mas eu passei só. Porque havia uma condução chamada Coramina [riso]. A Coramina apanhava a turma, né, as meninas, os alunos pra vir pro estágio ou vinham pra escola, pras aulas que funcionavam lá no Hospital São Vicente, né. As tais salas de aula, que eram concedidas, e a Coramina conduzia só. Eu parece que estava vindo de um estágio, se eu não me engano, estágio de Saúde Pública, não sei, e passamos por lá, ai eu falei por curiosidade eu queria ver como que era né; dei aquela entradinha assim rápida na casa.

V : Você se lembra como é que era lá dentro ? Nessa passagem rápida ?

GY : Tinha uns biombos, interiormente não agradou não [risos.]

G : Alguma colega em especial que morava no internato?

GY : Ah, tinha, né, tinha a Mirthes, [Versiani dos Anjos], a Lourdinha, [Maria de Lourdes Ramos de Souza], tinha a Zulma, [Carmen Viana], aquela menina boa, a, a Íris [Martins de Oliveira, de Ponte Nova [inaudível] e depois que veio pra...

V : E você se lembra dessa mudança ?

GY : Lembro.

V : Conta pra gente.

GY : Foi uma festa, né, não só pras meninas como pra gente também, as instalações [inaudível] ficavam nuns cubículos lá no São Vicente, as aulas, nos porões mesmo. É assim muito próximo das enfermarias. Eram horríveis as, as acomodações lá de aula pra gente. Então aquela beleza, aquela transformação!

G : Quem que ajudou na mudança, você participou, quem que fez a mudança, como é que foi?

GY : Tinha funcionários, né? Vocês chegaram a conhecer, a dona Zulmira, [Chaves Campos], dona Íris [Soares de Oliveira], senhor Geraldo [Lúcio de Lima].

V : Teve alguma festa, alguma solenidade?

GY : Não, não.

V : E as irmãs, como é, também entraram na festa?, Viveram o espírito de alegria?

GY : Também, ficaram satisfeitas, era só a irmã Emilia, né?

V : Não tinha mais ninguém?

GY : Não tinha outra irmã não, né.

G : Como que era essa...

GY : E as professoras, os professores eram muito poucos, né, era coisa de 5, 6 professores.

V : Quem era, você lembra ? Nessa época.

GY : Era a dona Rosa [de Lima Moreira], a Aparecida, Aparecida Freire, né? A Yole [de Carvalho Mazzoni], [Maria] Victória [da Silva], Alaíde [Esteves Lima], Alzira [de Souza Melo]. Eram essas as professoras; o resto dos professores era de fora; eram os médicos. Uma ou outra professora enfermeira, né, que dava aula pra gente. As professores da Escola, do quadro da Escola eram essas. Cinco ou seis.

V : Dona Isaltina ?

GY : Dona Isaltina era, mas a dona Isaltina, não sei se nessa época estava nos Estados Unidos.

V : Ela não chegou a ser sua professora ?

GY : Não, em disciplina nenhuma.

G : Fala pra gente em pouquinho mais sobre a direção da Escola no tempo da irmã Emília Clarízia. Como que era essa direção, relacionamento com os funcionários com os alunos, com os professores, que disciplina que ela dava, como é que era?

GY : A irmã Emília é, colaborava, né, na disciplina Fundamentos, que se chamava Técnicas de Enfermagem. Ela deu essas aulas ai. E dava principalmente é História da Enfermagem e ela englobava a Ética, eram aquelas aulas pesadas, né.

V : Em que sentido... pesadas?

GY : Primeiro, a figura dela [riso].

G : Ela tinha uma figura pesada?

GY : Tinha, ela, ela impunha, sabe, naquela época, né, professor quer impor disciplina, né. E, só assim falavam sabe, né, só, de monologo.

G : Era só ela, com ela mesmo?

GY : Só ela com o caderninho na mão, né, falando, falando, o tempo todo. O chapéu né, [que compunha a vestimenta da congregação, naquela época] que ainda impressionava mais. E falando, falando horas, naquele estilo, né.

V : O relacionamento com vocês, alunas?

GY : Muito, muito, muito pouco agradável, né? muito pouco. A irmã Emília era difícil de se relacionar; difícil o relacionamento dela. Ela era uma pessoa, nesse sentido de querer impor mesmo os pontos de vista dela, não tinha dialogo, né? Então o relacionamento com ela não era fácil. Precisava de muita boa vontade.

V : Entre os professores e ela, você ficou sabendo já que você era mais próxima da irmã Rosa, da dona Rosa ?

G : Dona Rosa Moreira.

V : Hum-hum.

GY : A dona Rosa, elas se davam bem, ela era assim meio tímida, né, mas era pelo menos agradável, delicada. E relacionava muito bem. Tinha dona Daura [Pacheco Ribeiro] também, né? Eu não falei, ela e dona Rosa eram muito unidas. A dona Rosa se relacionava melhor com a irmã Emília, mas a dona Daura, de jeito nenhum. E outras pessoas, né tinha dificuldade. A Alaíde, a Alzira, se relacionavam relativamente bem com ela. Mas naquele, naquele sentido assim, né, de, de distância e de hierarquia. Ela estabelecia aquela, ela era a superior, e todas tinham que reconhecer essa superioridade. E aí ficava mais tolerável. Mas brigava muito, brigava muito.

V : Com as alunas, algumas briga que você se lembra em especial?

GY : Com alunos, com alunos. Ah, houve uma briga horrível, que eu não participei, né, que era aluna de outro período. Aluna que já estava se formando, eu não lembro o nome dela. Menina do interior que era interna; questão de moral. Aí que ela achou que deveria sair. Aí foi sério, sabe? A menina foi convidada a sair, mas [penso que não saiu não].

V : Delba [Nepomuceno]?

GY : Delba.

G : Você lembra do motivo que era, esse motivo moral, qual que era ?

GY : Era questão de, de, de coisa de namorado, né? Que saiu com namorado e não voltou... historia assim [riso], nesse sentido, era a Delba. Mas eu não fiquei sabendo se a Delba saiu da escola, acho que, voltou, né ?

V : Ela saiu de internato.

GY : Ah, no internato não ficaria, né. Então, foi permitido não é, que ela terminasse o curso porque já estava no final, né? Já tinha saído do internato. E, uma aluna externa, ela brigou muito com a Ilza [Domingues e Silva]. Hum, como brigou com a Ilza! Mas de implicância.

V : De namoro também, por causa de namoro também?

GY : Não, não. Dos modos da Ilza, sabe. Como ela implicava com a Ilza! [referindo-se à irmã Clarizia] Que a Ilza era assanhada; [risos] e a Ilza tava usando roupa não sei como. A Ilza não podia, eu me lembro que um dia [riso] ela estava com a blusinha, agasalho assim no ombro, né, pra vestir, pra agasalhar. [A irmã teria dito] “Ou a senhora deve vestir ou retirar a blusa! [riso].

G : Era minha picuinha?

GY : Era, picuinha mesmo!.

G : Ô Gercy...

V : Você se lembra da, de uma outra aluna, a Purificação?

GY : Lembro, eu lembro da Purificação.

V : Da confusão também que teve com elas, você lembra ?

GY : Não, não me lembro. E uma outra também que ela tinha aquela diferença que a gente notava, era a Georgina (inaudível).

G : Da Georgina. Qual que era a “diferença”?

GY : Desse sentido também de moral, que era assanhada.

V : A parte intelectual elas não, não, não real, realçavam, não se preocupavam?

GY : Não, não, não. Não havia essa preocupação, mesmo profissional, né, não tinha esse, não destacava, né, não realçava uma aluna, na enfermagem, né, sobressair no trabalho que até mais intelectual, não.

V : Você se lembra de uma, de um problema que teve com a Ana Lúcia?

GY : (...) com a irmã Emília ?

G : Não.

GY : Não me lembro não.

G : Não.

GY : Mas, sei que a Ana Lúcia também tinha lá seus cuidados, né? Ela tinha muita, era precavida, né? Os alunos mediam assim [eram muito] precavidos, com a irmã Emília, não tinham a liberdade, né?

G : Gercy, fala pra gente um pouco sobre o ensino teórico. Como que era a parte técnica do curso?

GY : Era dada a maior parte do curso por médicos, né e havia também outros professores profissionais de outras áreas, né? [riso] Aulas horríveis de, de Psicologia, né, com aquela dona Irene Lustosa.

G : Por que eram horríveis ?

GY : Eram nesse “estilão”, né? Falando, falando ela só, né, não era uma aula movimentada, participada, só, só, a professora. Já o professor Melo Cançado, Antônio Melo Cançado é que dava Sociologia, né, termos de sociologia. Ah, era uma delícia, né? Um homem simpático e fazia a gente participar, né? Sabia, é, é levar a aula assim de modo mais agradável, mais participativo.

G : Como que era esse currículo na época ? Tinha teoria depois a pratica? Como é, o que você se lembra de como que era esse currículo?

GY : É, a gente tinha aquele preparo inicial pra entrar no hospital né? Então tinha que aprender as técnicas principalmente e a ética, né? Daí ia para os estágios, porque era longo o período, eram 8 horas de atividades. Logo, logo a gente começou a prática, pela manhã, e à tarde as aulas. Toda a teoria.

G : Pra passar dessa teoria pra pratica existia alguma solenidade, algum momento especial? O quê significava que a aluna estava pronta pra ir pra prática?

GY : Ah, isso era muito, muito falado, muito cultuado, né? Mas pela irmã, frisando principalmente a ética.

V : Que função que ela tinha, a ética ? [riso]

GY : A ética era, era num tom assim de submissão, viu,? submissão principalmente aos médicos, negócio antiquado [cochichou] nessa visão.

G : Negócio de quê?

GY : Antiquado, antiquado aquela visão de submissão ao médico. Você era uma, não era mais que uma auxiliar de médico, né, e que tinha que estar na sua posição bem inferior.

V : Falar em posição, tinha alguma coisa que mostrava essa submissão, além do respeito na, no relacionamento; tipo assim você tem que levantar?

GY : Ah!

G : Como que era esse comportamento para mostrar essa submissão.

GY : Isso começava na Escola, né, com as alunas dos outros períodos, né, dos períodos acima, mais adiantados, aluno de medicina tinha era que [inaudível] [tinha que saber], e muito mais lá, né.

V : Chegou, você tem que levantar pra ele sentar?!

GY : Prá ele sentar, deixar passar, né, para ele passar.

V : E respeitar.

GY : Ah, é. Naquele tom!

G : Que disciplina que chamou mais sua atenção, que você gostou mais, que você preferia, que professor que você gostou mais.

GY : Eu gostei muito da minha professora Edith Blau, que dava Bioquímica.

G : Edith...

GY : Blau, ela dava Bioquímica, boa. Muito boa.

**[FINAL DA FITA 1-A]**

## FITA 1- LADOB

G : Tava falando da disciplina que mais você gostou.

GY :Gostei de Bioquímica. Gostei muito! E gostei também de Anatomia, Fisiologia, [inaudível], Patologia.

V : Algum fato interessante na Anatomia ? Assim seu primeiro contato?

GY : É meio chocante, né, foi meio chocante pra gente, né? A gente ia direto lidar com cadáver, identificar o cadáver, as partes, órgãos. Isso foi bem chocante. Houve quem até passasse mal, só não me lembro bem quem passou mal, não agüentou mesmo a permanecer. E, gostava muito dessas aulas todas, né, das ciências biológicas, da patologia.

G : E sobre o ensino prático, onde que vocês faziam os estágios, como é que era essa prática.

GY : Era diretamente nas enfermarias é que algumas funcionavam no São Vicente, né, e outras na Cruz Vermelha, hoje é, ainda é Hospital da Previdência, [não], hoje é o SEMPER.

G : Hoje é o SEMPER.

GY : É o SEMPER, SEMPER ali onde funcionava o Hospital da Cruz Vermelha e com diversas especialidades, principalmente cirurgia, né? A gente fazia estágio lá, nas enfermarias de pacientes cirúrgicos. E eram bons estágios, viu, muito proveitosos, acompanhados por Alaíde, Alzira principalmente, né.

V : Elas eram professoras da prática ?

GY : Da prática. Muito bom estágio, muito proveitoso.

G : Só elas que supervisionavam ou tinha alguma outra instrutora.

GY : Ah, tinha as enfermeiras da, das clínicas, colaboravam muito e eram, vocês tiveram com a Conceição? Conceição, irmã da Zenilda [Teixeira do Nascimento], que foi minha colega, a Conceição era de lá, da clínica cirúrgica, colaborava muito com, com as professoras. Ela, a agente ficava mesmo por conta delas e a Conversão, a Maria Conversão, quando era enfermeira de lá, muito boa, como nos ensinaram!

G : Como que era ?

GY : A gente ficava por conta delas na ausência, e que a gente fazia estágio domingo também, né, domingo sim, domingo não a gente era escalada para os estágios, e era com elas, só com elas, né, que aí [inaudível].

G : Como é que era o relacionamento entre vocês alunas, entre vocês professores, funcionários dos locais de estagio, como é que era?

GY : Era bom, muito bom. Havia um preparo, da agente, deles, eles eram receptivos e a gente, né, desdobrava, né, em corresponder também, né? Havia muito bom relacionamento, colaboradores, muito bom.

V : Gercy, é...

GY : O relacionamento era muito bom.

V : É, você é da turma de 61; logo depois teve uma mudança de ensino. [devido a LDB de dezembro de 1961] Como é que foi essa, essa turma que entrou depois de você, você se lembra?

GY : Foi uma turma reduzidíssima, né? Foi a turma da Luzia da Silva, Luzia, Inês [Lemos da Fonseca], e [Maria] Noemi [Ferreira Ribeiro].

V : Por que tão poucas?

GY : Porque com a mudança, né, que quiseram fazer adaptação, né? Não houve talvez a divulgação necessária, exatamente pra fazer essa adaptação, né, de mudança. Porque mudou bastante e o aluno já tinha que fazer vestibular, não é? E que ter o 2º grau completo, completo. E até então, não era exigido, né? Esse foi um dos principais motivos, depois pela adaptação.

V : Mudou muito em relação ao ensino que você percebesse como aluna limítrofe, né? Tinha muita diferença no ensino?

GY : Não achei não, não considerei não, porque eu me [inaudível] só o método, não é?

V : Complicado.

GY : Não achei que foi assim [diferente].

V : No início, né?

GY : Não.

G : Essa questão que você esta falando, que o método era complicado? Que que era um método complicado?

GY : É, tipo de aulas, né? A maioria, maioria absoluta era desse desse tipo só o professor fala, não há participação nenhuma.

V : Tinha material didático, livro, apostila?

GY : Apostila muito pouca, quase nenhuma.

V : Como é que vocês estudavam?

GY : Mandavam estudar na biblioteca, né/, Determinava os livros e fazer prova. Prova, prova mais era na, na, na, base das aulas, né, de acordo com as aulas dadas.

V : Tinha algum livro específico de enfermagem naquela época?

GY : Tinha uma apostila de técnicas, bem ampla, envolvia assim farmacologia, um pouco de fisiologia. Era, era uma apostila bem volumosa e ampla.

V : Você lembra quem tinha escrito, quem escreveu essas apostilas, essas apostilas ?

GY : Não, não tinha nome de autor não, mas diziam que eram as enfermeiras principalmente as que haviam sido diretoras, né? Havia ali uma contribuição de dona Waleska, da irmã Emília.

G : Gercy, voltando a falar dos estágios, é vocês fizeram algum estagio fora de Belo Horizonte?

GY : Não, mais distante não, de Saúde Pública, como é que chamava mesmo o Hospital de Tuberculose? Era Júlia [Kubitschek].

V : Era qual cidade? Sabará?

GY : Não, hoje em dia, é [Hospital] Madre Teresa.

V : Não é, Riacho não, Morro das Pedras?

GY : Morro das Pedras, Morro das Pedras! Foi o mais distante.

V : Nem Saúde Publica não teve estagio fora?

GY : Na minha época não, não, a gente fazia tudo aqui naquelas obras sociais do Padre Aginaldo, né, bairro como é que chama lá? Barragem de Santa Lúcia, é por ali.

V : Santa Lúcia.

GY : Lá a gente fez a maior parte do estagio, quase todo.

V : Tia Amância é ali ? É?

GY : Tia Amância não, foi depois. Ali eram as obras do Padre Aginaldo. Depois os outros nos ambulatórios de, de, de lepra... E tem ambulatório por ali. Fizemos de otorrino, de oftalmologia. Havia enfermeiras nesses, nesses ambulatórios, né. E mesmo no hospital, a gente fez dentro do hospital de oftalmologia, e as enfermeiras [inaudível].

V : Que tipo de atividades vocês exerciam, vocês lembram ?

GY : Atendimento aos pacientes, né, aquela historia de curativo nos olhos, é [inaudível] e na sala de cirurgia e instrumentação.

V : E o de Saúde Pública?

GY : Ah era muito ativo, o estagio! Era assim muito variado, atividades variadas, aquele atendimento ora era na pediatria, né, atendimento só de criança, ora era de adultos, adultos nas várias situações, naqueles ambulatórios movimentados, né? Chegava de tudo, e a gente atêndia de tudo. Era a Carmelita, né, era muito proveitoso, era muito bom. Nunca a gente ficou lá por conta de ficha, né, de preencher ficha. Não, era atendendo o doente, sabe, diretamente, e orientando, né, era um estagio muito bom, muito proveitoso.

G : Qual estágio que você mais gostou ?

GY : Eu gostei muito da pediatria, era dona Maria do Rosário, né? Vocês se lembram dela, né? Na pediatria, foi tão bom!”,Gostei muitíssimo, gostei do estágio de enfermagem obstétrica



também, com a Aparecida [Freire], fiz dois partos, né, gostei muito. E aprendi muita coisa com a Aparecida, naquelas, naquelas fases todas, né, da enfermagem obstétrica; no pré-natal, sala de parto, no puerpério, muito bom.

G : Algum paciente em especial?

GY : Não, nesses estágios não. Doente especial que a gente teve foi na enfermaria de clínica médica. Teve uma senhora que a gente ficou muito tempo dependente; a gente se lembra porque ela ficou muito tempo, durante todo o estágio, essa, essa primeira fase, né? A gente cuidou dessa senhora uns 3 meses. Todas as alunas tiveram a oportunidade de cuidar dela, dependente, paralisada, e a filha dela, uma das filhas dela, ela tinha 2 filhas e um filho. Sei que a gente se envolveu assim com a família dela. A menina mais velha, era muito bonita. Depois foi fazer [curso de] Auxiliar de Enfermagem lá no...

V : No estágio de obstetrícia tinha aquela casa da Colméia nesse período?

GY : Tinha uma casa, eu sabia dessa casa, mas nem conhecia.

V : As alunas não se...

GY : Parece que não atuavam lá não. Não tomei conhecimento que houvesse não, Colméia, não.

G : Gercy, é, como, relacionamento das alunas com outros estudantes de outros cursos, como medicina. Alguma paquera, algum namoro, como é que era isso?

GY : Era bem limitado, né, exatamente [risos]. Aquele que eu estava te falando, né, o sistema, né, até havia um certo policiamento, [inaudível]. Havia dona Carmem Mesentier [Brandão], e que era enfermeira, mas não, não atuava, não dava nem aula. Ela atuava na secretaria. E ela acompanhava, porque as alunas não iam só, só nas aulas, assim não. As aulas principalmente, de médicos, né, elas não iam só não.

V : E o vigia atrás?

G : Policia atrás?

GY : E a dona Carmem, dona Carmem [riso] tomava conta da Ilza.

V : [riso]

GY : Eu vi dona Carmem [inaudível].

G : Gercy fala pra gente agora como é que as festas na escola, que tipo de festa que existe nesse período com as alunas.

GY : Havia, havia festa, festas juninas, havia um jogo de vôlei. Mas eu não participava, né, nem mesmo das festas juninas, mas havia lá.

G : Porque você não ia ?

GY : Não, eu não tinha jeito de ir não. Eu não tinha essa vontade, não sentia vontade de penetrar nas coisas, da da...[inaudível].

V : Você continuou trabalhando nesse período, Gercy ?

GY : Continuei, depois é que eu consegui a liberação, né.

G : Uma licença?

GY : É uma licença, né, fiquei só por conta do curso. Mudou aí, a política, e o Secretario da Saúde era um médico que tinha sido do Hospital da Previdência e a [inaudível] me liberou, totalmente.

G : E a participação da Escola nos eventos por ex., semana da enfermagem, festas religiosas, outras festas, como era?

GY : Havia, havia uma participação assim imposta, né? Principalmente de uma festa religiosa que havia ai, uma procissão, então, a turma tinha que ir com a capa da enfermagem, né? Havia uma capa azul, acho que azul. Então as alunas, né, e as professoras tinham que participar dessa, dessa procissão.

V : Como é que vocês faziam pra trazer esse uniforme?

GY : Trazer?

V : É, pra usar na, na, como é que vocês se trocavam pra ir?

GY : Lá na Escola, parece que já tinha mudado pra ca, pra Escola; a gente mudava a roupa ali, porque as alunas externas tinham uma sala.

G : Parece que incomodava esse uniforme, é isso que você está colocando?

GY : Incomodava, tinha que ser engomado, duas peças, né, o vestido e aquele avental que tinha um corpete assim, né [gesticula com as mãos mostrando], quer dizer que era engomado lá mesmo, né, pelas funcionárias dona Zulmira [Chaves Campos], dona Íris Soares de Oliveira, dona Galvina [Pereira], e era brilhando, e as meias, a meia tinha que ser longa, branca, né, vinha até no joelho e a touca não é, a bendita da touca, bem espetada, bem engomada.

G : Bem engomada.

GY : É, a, por cima tinha uma rede, né, você coloca uma rede no cabelo, e a touca por cima [riso]

V : E o comprimento do uniforme?

GY : Tudo era me-di-do!

V : A senhora lembra quem media?

GY : A irmã dava a medida exata e ficava olhando; e olhava o sapato se estava branco, se tava limpo.

G : Ficava tudo impecável?

GY : Tudo impecável.

V : E nessa procissão o que acontecia assim, todo mundo tinha que ir ? Professores ...

GY : Tinha, tinha de ir, era obrigado, né? Uma convocação para essa procissão, e ainda com aquela roupa, a presença imposta.

V : E não havia nenhuma gozação por parte dos outros estudantes, não?

GY : Nunca percebi, não, durante, depois de dois anos a gente participou [inaudível] não sei se acabou [tudo passa]. Agora essa questão de, de, é, os outros, outros alunos, é outros, outros cursos, era muito limitada a essa comunicação, né, da enfermagem. com outros. [inaudível]

G : E congressos de enfermagem ou outros eventos, é, científicos da enfermagem, você participou como estudante?

GY : Não, nenhum; houve colegas que participavam né, a Mirthes [Vice-presidente. do DA, em 1962], participou mais a Zulma, [Presidente do DA, em 1962], viajavam, né, pra participarem de congresso de estudante. Não sei se [inaudível], havia muito pouca, é divulgação disso né, não havia, não dava-se ênfase, não tem interesse...dessas atividades,não.

V : Você falou antes, você colocou antes que a, é, você ficou sabendo do curso de enfermagem através de alunas. No seu período de aluna não continuou essa atividade de divulgação da enfermagem nos colégios?

GY : Não.

V : Ou você não lembra, ou não havia?

GY : Parece que não havia, não tinha muito reconhecimento não. Durante todo o tempo de aluna nunca mais houve isso, e eu às vezes ficava lembrando né, que eu tomei conhecimento através disso, né, dessa divulgação, nunca mais eu vi.

G : Houve alguma comemoração de aniversário da Escola, em que você participou?

GY : Não, eu não participei, parece que não houve. Essas atividades, eventos, acontecimentos, passavam assim, bem, bem despercebidos, né?

V : É, porque quando fez trinta anos, né, não teve uma comemoração, ou você não se lembra?

GY : Não, não lembro.

G : Como que era a organização estudantil na época? O diretório acadêmico.

GY : É, houve era muito ativo.

G : Na sua época como é que era ?

GY : É, tinha representante né, da nossa classe, e atuava muito, né, era naquela época que atuava sob, sob pressão, né, sob dificuldades, com um regime ai de mudanças. Isso em 63, 64, isso, né? Ah mas havia, havia atuação e [inaudível] representantes.

V : Alguma greve nesse período?

GY : Teve, teve greve, mas não de, de aluno.

G : Greve de quem?

GY : Devia ser de trabalhadores, greve de trabalhadores isso eu tenho certeza, né, principalmente por pessoal da construção civil; foi uma greve muito, muito ampla, que foi muito divulgada, né?

G : Como é que foi a participação da Escola nesse período e de termos de, 63, 64? A Escola participou de algum movimento falava-se sobre o movimento, nessa...

GY : Falava-se, mas a Escola de Enfermagem não participou não; agora a Medicina, a agente sabia que da Medicina estava participando. Havia assim muito, muito convite, né, chamava mesmo, estavam, né, com o pessoal da enfermagem pra participar também, mas não houve não. A Escola era bem fechada, mesmo depois da saída da irmã Emília, ainda continuou aquele clima, né, de, de coação mesmo, né?.

G : Depois da irmã Emília, quem que entrou ?

GY : Foi irmã Maria Carmem Teixeira; logo depois a Carmelita, né?.

V : Você se lembra da irmã Carmem alguma coisa em especial?

GY : Não me lembro não, sei que foi um período assim de transição mesmo né? Foi bem, bem agitado porque havia uma demonstração de que ia passar pra pessoal da Escola mesmo, minha amigas, sabe?

V : Sim.

GY : E que foi a Carmelita.

V : Demonstração por parte da Escola?.

GY : É da Escola, de alunos, aquilo assim meio velado, né, mas chagava a transparecer.

V : Você se lembra da saída da irmã Clarízia, porque ela saiu? Como ela saiu?

GY : Ela, ela se incompatibilizou, né, e ficou assim sem ambiente, né. Saiu, saiu assim sem, sem nem, nem se despedir> Saiu na surdina mesmo, desgastada e deixou[foi muita] gente feliz, né?

V : [riso] Você sabe, ouviu falar se ela saiu para outra cidade ou se foi fazer algum tipo de tratamento?

GY : Eu ouvi falar que ela saiu para o Rio de Janeiro. Trabalhar no Rio de Janeiro e eu estive com ela lá, depois. O que eu fui fazer no Rio de Janeiro?! E eu estive com ela.

V : Como é que você a viu nesse, posteriormente?

GY : Ah, ela tava muito melhor, tava mais benta, mais comunicativa, gostei de vê-la lá na casa delas, né, como é que chama?

V.: Na Tijuca. [bairro do Rio de Janeiro]

GY : [inaudível], tava trabalhando, tava trabalhando, mais como, como psicóloga.

G : Ô Gercy, voltando lá na Escola, na época de você como aluna, a Escola prestava algum serviço pra comunidade, através de fazer injeção, plantão particular, algum tipo de, de, prestação de serviço?

GY : Na minha época já não, já não fazia isso não. Mas havia, era muito comentado, né, a Escola assumia essa responsabilidade, e era muito conceituada, né? As alunas eram conceituadas, eram procuradas mesmo pra fazer esse tipo de atendimento. Mas na minha época não. Quando muito a gente é, atendia algum pedido para acompanhar paciente no hospital. Pessoas assim ligadas à enfermagem como Marina, né, Marina [Andrade] Resende, né? Eu mesma fiquei com Marina alguns dias, né, depois a gente se revezava.

G : Como é que era Marina Resende, fala um pouco sobre ela, sobre esse período?

GY : Era uma, uma pessoa muito avançada, uma moça muito inteligente, muito moderna, evoluída. E tinha assim uma visão bem, bem diferente da enfermagem. Avançada, diferente daquilo que a gente tava vendo lá. Era uma pessoa agradável, educada e era, era bom ficar com a Marina. A gente aproveitava aqueles dias, aquelas horas que a gente ficava com a Marina. A conversa dela era muito proveitosa; uma era mulher que não jogava conversa fora.

V : Mesmo doente.

GY : Doente, e mesmo doente. Quanto, quanto exemplo bonito ela deu, né? Ela internada, ela participou de uma reunião que houve na faculdade relativa a, a classe. Participou ativamente, nessa, nessa reunião tomando a palavra. E [estava] internada!

V : Quem cuidava dela, era só as alunas e...

GY : ...e o pessoal da clínica, né?

V : Os professores se envolviam ou você não se lembra ?

GY : Também envolviam sim

V : Todo mundo queria estar com ela.

GY : Ah é. Era apreciada, né?.

V : A morte dela você se lembra?

GY : Lembro.

V : Como é que foi ?

GY : Ela teve uma piora gradual, né?

V : Ela foi enterrada aqui mesmo?

GY : Foi, acho que foi, não tenho certeza. Ah, não tenho certeza. O velório foi lá, né, no hospital.

V : No hospital.

GY : Foi, eu sei que ela era de [Entre Rios], né? Não sei se foi pra lá. Estive no velório na parte manhã. Sei que o enterro foi à tarde, não estou sabendo.

V : Tinha muita gente?

GY : Muita gente, muita gente. Ela era muito conhecida, muito conceituada. E havia outras pessoa assim também que às vezes se internavam, né, e as alunas então, cuidavam.

V : Recebia?

GY : Não.

G : Gercy, vamos falar um pouco da formatura? Como é que foi a formatura?

GY : Ô menina um dia desses, eu até encontrei um, um recorte do jornal que publicou nossa formatura. Amarelinho!

V : [riso]

G : Tá ainda guardado?

GY : Deve estar [inaudível] poucos dias que eu vi esse recorte, foi muito bem programada, né, muito bonita nossa formatura [inaudível] a irmã, Emília né, discursou. O nosso paraninfo tá por ai, né, o, o, doutor Salvador Silva, obstetra, né, [inaudível]. Muito chique. A Mirthes que foi a oradora; distribuição de prêmios, ganhei até alguns prêmios.

V : Quem deu esses prêmios?

GY : Quem, a Escola deu um, o diretor da [inaudível]

G : Que prêmio que era, você lembra?

GY : Livros.

V : Quem organizou essa formatura?

GY : Foi a Ana Lúcia, inclusive a, o pai da Ana Lúcia é que fez o quadro, o quadro das fotografias, né, dos formandos. O quadro foi, foi a lâmpada, né? o modelo da lâmpada.

G : Você lembra de algum caso interessante nesse período da formatura, alguma situação assim que chamou atenção?

GY : É que houve muito trabalho, mas todo mundo se envolveu. A Mirthes e a Ana Lúcia eram da comissão; não me lembro de outras pessoas [inaudível] de acontecimento em si especial, onde muito, muita coisa, né, elas tiveram que vencer muita dificuldade, mas deu tudo certo, tudo tão bom, tão bonito?.

V : Foi aonde, você se lembra?

GY : Foi na faculdade.

V : Na Faculdade de Medicina

GY : É, na medicina.

V : Teve baile?

GY : Eu não fui.

V : Se teve, você não foi [risos] convidada!?

GY : Não teve não.

G : Gercy, depois da formatura você se sentiu preparada para trabalhar como enfermeira?

GY : Nem um pouco. Eu fui [ riso ] eu fui fazer um estágio, fui dar um plantão com uma colega minha que já trabalhava, né? Eu fui dar plantão com ela pra ver como que era ser profissional. Ela trabalhava no hospital infantil, Hospital Pequeno Príncipe na, na [avenida] Assis Chauteaubriant, né, a Terezinha [Pinto] Fialho. Fui dar plantão com ela pra ver...

V : O que que te faltava, o que você sentia?

GY : Coragem. Coragem de assumir.

V : No sentido de não ter, não tava se sentindo preparada?

GY : Não me sentia preparada, eu não me senti capaz de assumir.

V : Os estágios não te deram essa certa tranquilidade pra começar?

GY : É, do estágio, do curso não me deram a mim! Mas diversas colegas minhas inclusive já trabalhavam, acho que a maioria.

V : Já trabalhava ?

GY : Eu não tive essa...

G : Fala pra gente agora, você ficou de licença da Secretaria de Saúde, na Secretaria de Agricultura para a de Saúde.

GY : Para a de Saúde

G : Você se formou, ai como é que foi seu primeiro emprego?

GY : Eu tive que voltar, voltar reassumir, né, na secretaria. Terminei o curso, convidei os chefes para a formatura e voltei, a reassumir a secretaria. Ai, mas procurava estar em contato com as minhas colegas que trabalhavam. O negocio era trabalhar e ficava assim, né sapeando, dos trabalhos dela. Ai é a irmã Emília me convidou, pra [trabalhar]. Fiquei apertada, né? [Se] não tenho coragem de fazer, como é que eu vou ensinar, né? Foi uma dificuldade, sabe? Foi um drama. Me encontrei com Yole, com Alaíde. Elas me encorajaram muito: “Vai, vai que nós estamos aqui, nós precisamos de você lá.” Eu decidi.

G : Você lembra quanto tempo você ficou na Secretaria de Saúde, fazendo esses plantões voluntários digamos, e depois que saiu da Escola?

GY : Poucos meses, poucos meses. Isso foi de, de quando a gente se formou em março, né, até setembro.

G : Foi convidada pela irmã Clarízia pra dar aula na Escola?

GY : É.

V : O que você fez com a Secretaria?

GY : Eu pedi licença. A gente tinha direito a férias prêmio, né? Aproveitei os primeiros seis meses, e depois tirei licença.

## [FINAL DA FITA 1-B]

### FITA 2-LADO A

G : Você, na Escola, você foi da Secretaria da Saúde para a Escola, aí você estava falando... do concurso.

GY : Pedi licença. Sem vencimento e logo, logo foi publicado o concurso para enfermeiro e eu fiz o concurso e passei. Fiquei na Secretaria da Saúde e levei um tempo, não cheguei a interromper, estava licenciada sem vencimento.

V : E aí, como que foi esse trabalho na Secretaria?

GY : Na Secretaria em trabalhei muito pouco, porque a Secretaria colocou a gente a disposição, né? Eu fiquei a disposição pela Secretaria, consegui ficar a disposição do Hospital São Francisco, foi quando a gente fundou aquele escritório de auxiliar de enfermagem. Porque o Souza Lima era prestigiado, parece que o irmão dele era o Secretario da Saúde. Então colocou Yole, Victória, eu, a disposição do Hospital São Francisco.

V : E aí, conta desse curso prá gente.

GY : Esse curso foi de Auxiliar de Enfermagem, [inaudível] foi na Escola Nossa Senhora do Carmo. Foi uma escola que teve renome, naquela época. Foi [19]70, não, [19]68. Não, foi antes, foi antes, foi 66 a 70, 71. Foi uma escola que marcou, sabe? Preparou ótimas auxiliares de enfermagem. Hoje você ainda encontra gente já se aposentando, né, mas excelentes Auxiliares de Enfermagem [inaudível]. E foi uma época que o hospital se abriu também para a enfermagem. Houve uma época de ter 20 enfermeiras lá. E as enfermeiras todas atuavam naquelas filosofia de ensino e serviço. Elas colaboravam no ensino e assumiam os estágios com as alunas. Foi muito bom, muito proveitoso. E daí entrou em recesso, né, acho que em [19]71. Acho que nesse período, o, quando começou a mudar um pouco a, as idéias, né, lá da, da direção do hospital e a escola entrou em recesso. Porque até então, a Escola não cobrava taxa nenhuma dos alunos, e ainda oferecia internato pra no máximo oito alunas. Era internato, gente do interior, né? Depois foi mudando, foi tirando essa, essas atividades, a dona Yole [inaudível].

V : Essa escola tinha algum vínculo com a Escola de Enfermagem Carlos Chagas?



GY : Vinculo? É assim oficial não> Mas facilitava, né? Quantos alunos fizeram estagio lá, nós levamos os alunos de Fundamento pra fazer estágio lá; outros alunos de Administração fizeram estagio também lá.

V : Isso em função de vocês estarem no curso de auxiliar de enfermagem, vocês abriram as portas para EECC?

GY : É, é facilitava isso com a direção, isso ocorreu, sabe?

V : E quando vocês saíram de lá, a Escola saiu também? A Carlos Chagas?

GY : Ah, saiu.

G : E vocês, depois do São Francisco, quando que você entrou na Escola?

GY : Eu não deixei, né, a Escola. Era concomitante ao meu trabalho da Escola, principalmente de, de acompanhamento de aluno de estágio, né, era feito no São Francisco.

G : Quer dizer que da Secretaria você ficou em disponibilidade para a Escola Carlos Chagas e com as alunas no Hospital São Francisco?

GY : Houve essa disponibilidade também, para a Escola, né? Mas não cheguei a voltar para a Escola, desse trabalho assim do Hospital São Francisco. Eu fui assumir rapidamente, assim muito, muito, um período muito curto na Secretaria trabalhando ali na Orestes Diniz, aquela Unidade [de Saúde] Orestes Diniz. Mas que foi assim muito, muito curto, porque logo me aposentei, na Secretaria.

G : Quando que você se aposentou na Secretaria ?

GY : 70 e, 72. Acho que foi 72.

G : E depois?

GY : Aí fiquei só na Escola, né, a nossa.

G : Aí como que foi esse período na Escola de Enfermagem?

GY : Aí estava em Fundamentos, né? Eu sempre trabalhei em Fundamentos, porque nunca trabalhei em outra disciplina não. Foi a fase daquela mudança de currículo. É em 73, final de 73 eu fui pra São Paulo; 74 voltei para Fundamentos.

g : Você foi para São Paulo fazer o quê?

GY : Mestrado.

G : Você fez mestrado onde em São Paulo e que área?

GY : Na área de Fundamentos.

G : Fala pra gente como é que foi esse mestrado. Como é que foi o curso, onde você morava?

GY : Foi o inicio também, né, de, o inicio de, do mestrado na PUC, quando a Escola da USP, né, se abriu prá outras escolas, houve convite, né, pra outras escolas, então fomos eu e a Ilza.

V : Vocês foram as primeiras da Escola a sair pra fazer mestrado?

GY : Claro, quando a escola lá se abriu, né? Aceitou receber gente de fora, fez convite, né?

V : Como é que foi esse curso lá, fala um pouco em termo da relação, você foi interna lá, morava...

GY : Não, havia um internato lá, né, acho que havia. Mas nós ficamos numa casa, O pessoal até mineiro.

V : Você e a Ilza?

GY : Ficamos na mesma casa, na rua Teodoro Sampaio, da dona Terezinha. Fomos muito bem alojadas.

V : Como é que era esse tempo, bom, como é que era o curso?

GY : Ela fala também em organização.

V : Formando, né? [n o sentido de iniciando].

GY : Mas foi bom. A Dona Wanda [de Aguiar] Horta ela que dirigia.

V : Como é que era a Wanda ?

GY : Uma pessoa extraordinária, né, apesar das limitações de muita coisa, ela não deixava...

V : Ela já estava doente, nessa época?

GY : Ah já, já estava. Mas é ainda se locomovia muito bem, se locomovia bem, falava muito bem, muito dinâmica, né? Procurava ajudar muito. Ela era muito, muito dedicada aos alunos. Foi muito bom.

V : Você chegou a terminar o curso?

GY : Não.

V : Que revertério foi esse aí ? [riso]

GY : Não, não afinei, não afinei. A, a Maria Jacira, né, a minha orientadora, procurou de todo modo me ajudar a concluir.

V : Você esta trabalhando?

GY : Não, estava a fim.

V : Você estava trabalhando com que tema, ou você chegou a trabalhar com...

GY : [riso] cheguei, cheguei, era aquela de infecção de termômetro.

V : Ah.

GY : Infecção de termômetro na verificação da temperatura axilar.

G : Você tava, você tava a fim de quê, nessa época? Você disse que não tava a fim de mestrado.

GY : Não, eu queria era dar aula. Gostei muito de acompanhar as alunas nos diversos estágios, né? As aulas, aulas de farmacologia, tão boas, né, estava surgindo a informática, né?

A gente teve aquelas noções de computação. Aquilo era uma coisa do outro mundo! Foi muito bom, abriu muito, outra visão, mas fazer o mestrado, a tese, não deu.

V : Não deu?

GY : Não deu.

G : Como é que foi a reação de Escola diante disso, de você resolver não concluir o mestrado? Como é que foi a relação do departamento, da Escola?

GY : Não, não houve nada assim, não foi traumático, foi bem normal [inaudível].

V : Aí você voltou pra Escola?

GY : Aí assumi Fundamentos de Enfermagem.

V : Ô, Ô Gercy, nesse período, você tava falando da mudança do ensino que teve, né? Como é que a Escola, quando da Reforma Universitária de [19]68, você se lembra da, antes da desanexação da Escola de Faculdade de Medicina ?

GY : Lembro, mas muito pouco. E não me envolvia nas coisas não, sabe. Me lembro assim que foi muito trabalhoso, houve muita dificuldade, muita luta, né, é e o Diretor da Universidade não queria, né, tava segurando, o Versiani, né, acho que era [Oscar] Versiani Caldeira, tava segurando, tanto quando possível. Deu muito trabalho.

G : Por que ele tava segurando?

GY : Ele, pra ele era vantajoso, manter o curso de Enfermagem na faculdade, né?, Era bom pra Faculdade de Medicina, era bom ter enfermeiros, né, trabalhando e tal. [inaudível] da direção dele, né, então não foi fácil.

G : Sobre esse período na Escola você em Fundamento de Enfermagem, alguma coisa importante sobre o ensino sobre mudanças no departamento, administrativo, alguma coisa que você tenha assim, que você acha que é marcante, que é importante falar pra gente?

GY : Eu achei muito bom quando houve essa organização é, departamentalização da Escola., Isso ai foi muito bom; mostrou pra gente as coisas assim, mais, mais determinadas, mais claras, né? Foi bom pra área da gente. Noutro ano gostei, achei que tava dando é, e', organização, diretrizes pra Escola.

G : Em relação ao relacionamento dos professores com os alunos nessa época, como é que era, alunos, alunos do sexo masculino?

GY : No início dessas modificações houve uma redução né? Uma redução acentuada do número de alunos né? Mas aos poucos foi aumentando, aumentando, foi aumentando, é, a gente começou a sentir a qualidade, muito preparo e começou a entrada de homens.

V : Você se lembra do primeiro?

GY : Foi Henrique [Augusto de Melo, formado em 1966], né?

V : E o segundo?[ que iniciou o curso]

GY : O Joaquim [José Machado, formado no segundo semestre de 1975].

V : Joaquim.

GY : Foi Joaquim.

V : Joaquim entrou depois, como é que foi essa entrada do Joaquim na Escola, você se lembra de alguma coisa que tenha acontecido antes?

GY : Tô lembrando não.

V : Não? Como é que era a relação fala pra gente, do, do, dos alunos masculinos com as colegas, como é que era isso, ter um homem na casa?

GY : Parece que foi normal, o mais normal possível.

V : E os estágios dos homens?

GY : Tinha que selecionar, né? Era Alaíde e Alzira principalmente nos primeiros estágios, né, estágios de Fundamentos, e elas são muito habilidosas, procuravam selecionar paciente masculino pra eles, é, embora tivesse uma preocupação de não deixá-los assim muito exclusivamente, e visse pelo menos pacientes do sexo feminino, nem que fosse mais razoável, , verificar uma pressão, procurava ,mantê-los bem em contato, né?

V : E o estágio de Obstetrícia ?

GY : Ah não havia, era, era proscrito, né? Então, substituía com o tal da urologia.

V : Não iam pra, e eles aceitavam ?

GY : Aceitavam, os primeiros aceitaram, no inicio assim passivamente, depois é que começou a, a argumentar, a comentar.

V : Você se lembra quem foi que começou a...

GY : Não, não me lembro, mas logo, logo os alunos argumentavam, isso? Porque tinha, tinha que haver!

V : Gercy, você lembra a, voltando essa historia da Escola, a escola foi arrombada num período em 66. Você se lembra desse período, você tava na Escola ?

GY : 66 eu estava [inaudível]. Eu ouvi o rumor, não sei bem o que que aconteceu (...)

V : Ë, mais alguma coisa assim da escola naquele período você enquanto, nesse período até 68; enquanto professora do convívio ai, já era com irmã, irmã Carmem, logo depois Carmelita, dessa mudança. O que que você sentia que mudou, se mudou alguma coisa?

GY : Ah mudou, mudou todo o clima. Ficou uma coisa mais, mais , mais normal mesmo, né, leve, e a aproximação, [acabou as bobaginhas, né? Foi acabando] E logo acabou o internato, né?

V : Como é que foi esse término do internato?

GY : Esse término do internato foi assim meio trabalhoso, porque não só as alunas que lá moravam, né, tiveram que procurar um meio de morar, e outros alunos que ainda buscavam, que a tradição era longa.

V : Fechou assim de repente quem estava saiu?

GY : Não, não, houve um prazo, e não foi muito longo.

V : Mas aconteceu de alunas que estavam morando lá, teve que arrumar outro lugar pra morar?

GY : Teve.

V : Alguma professora morava lá nesse período, você se lembra?

GY : Alaíde mesmo morava, não sei se nesse período, ou se ficou até terminar; ela morava na Escola.

V : Por que que alguns professores moravam lá na Escola? Carmelita também morou, por que será, você lembra, sabe ?

GY : Talvez porque não tivesse família aqui, né? Alaíde não tinha ainda, né, aliás ela é que veio primeiro, né. A Carmelita pela mesma forma, não tinha família aqui; veio pra estudar, né? E depois que mudou principalmente, né, pra aquela casa grande, lá desocupada, a irmã Emília [acabou cedendo, né?]

V : Você se lembra é desse, da, como é que era aquela área o início da Escola? Aquela redondeza, como é que era a Escola, o que que funcionava na Escola, o que que tinha?

GY : Sei que era muito ermo, era muito escuro, um lugar muito isolado, tinha até mato ao redor, eu era, era preocupante a gente chegar ali em certa hora.

V : Depois continua a construção da Escola, nesse período você se lembra de alguma...

GY : Não, não sei ainda estava lá, não me lembro daquele aumento, né, término, né, da Escola.

G : Com o término do interno pra onde que foram os equipamentos, os utensílios da Escola?

GY : Não sei, tinha muita coisa.

V : E a capela, Gercy, já tinha no seu período, né?

GY : Já tinha.

V : Conta essa historia da capela na escola de enfermagem, até a saída dela?

GY : Sempre houve a capela desde a casa lá, né, [inaudível] mesmo depois que as irmãs saíram, né.

V : Tinha missa?

GY : Não, não era sempre, não era regular, né? Só quando se chamava, ou quando tinha alguma ocorrência, chamava, um padre, padre que celebrou essas missas foi aquele do Borges

da Costa, Hospital Borges da Costa, tinha também uma capela, e havia capelão lá, um padre pelo menos ela era permanente lá e ele celebrava na Escola.

V : Você se lembra do nome dele?

GY : Não tô lembrando não, ele era muito interessante, fazia umas homilias muito interessantes, muito bom. E até o termino da capela o que eu sei que [olhou para um quadro na parede].

V : [ riso ].

GY : Você se lembra?

V : Ah!

GY : Esse quadro ficava naquela parede, antigamente naquela sala, né, da direita da escada, né?.

V : Onde é a congregação hoje?

GY : É, ele ficava na parede, assim. E, quem é que me deu notícia, aquele seu Zé, seu José “Espingarda” né? [senhor que lavava carros, não era funcionário], me deu notícia, né: “ Ah tem essa coisada aqui dona Gercy, da capela, tá debaixo da escada, essa coisa da...” Dei uma olhada assim e falei: “Tira esse quadro pra mim, seu José, eu vou perguntar à Marlene[Natividade Soares de Oliveira, diretora da Escola de 1990 a 1994] [inaudível]. “Ah, pode levar, pode levar pra você.”

V : Como é que foi a fechamento da escola, a aceitação do, da, do fechamento da escola, você se lembra ?

GY : Da capela, né

V : Da capela, desculpe.

GY : É parece que partiu principalmente da Rizoneide, né, [Maria Rizoneide Negreiros de Araújo], parece que Rizoneide. Tinha muita gente a favor, né, quase não tinha sentido é capela na Escola, se tava precisando de área física, precisando de salas prá outras pessoas, não.

G : E pra você especificamente, o que que você pensa disso ?

GY : Eu achava que uma capela pra ficar fechada não tinha sentido não, né? Ou ficava fechada ou ficava de refúgio, né? Não tinha muito sentido não.

V : Alguém que não gostou que tenha feito algum movimento?

GY : Não tomei conhecimento não.

G : Ninguém com movimento?

GY : Acho que não houve não.

G : Ô Gercy, a sua participação em entidades de classe, na Associação Brasileira [de Enfermagem] você participou de, algum momento?

GY : Particpei muito pouco tempo, muito pouco tempo.

V : Os Congressos aqui em Belo Horizonte?

GY : E, eu participei acho que de dois, e fora também, alguns.

V : Os de Belo Horizonte teve um em [19]72, dona Izaltina na...

GY : 72, é participei

V : Lembra de alguma coisa, assim de especial? Do trabalho que deu?

GY : Não, eu ano fui de comissão nenhuma.

V : E o de [19]84 ?

GY : Eu não participei.

V : Não ?

GY : Não, 84 por que ano participei, hein?

V : Foi um que teve muita, problemas políticos, muita discurso, muita briga, você não lembra?

GY : Muito movimentado, né?

G : Você aposentou-se quando da Escola ?

GY : [19]92.

V : E depois de aposentada ? O que que você anda fazendo?

GY : Eu sei que eu não paro em casa um dia. Eu é engraçado eu me aposentei, a Yole estava doente, né, a seguir veio a Victória, a seguir...

V : Quando foi a doença da Victória? Eu não fiquei sabendo, só depois.

GY : A Victória não pode [inaudível] ela sentindo, né, que daquela dorzinha dela, procurando fazer diagnóstico, né, fazendo exame de todo tipo; diagnósticos. Quando diagnosticou ela se internou no Hospital das Clinicas para, para fazer um último exame, já não me lembro qual, acho que era [câncer de fígado] e iniciar a quimioterapia, né?.

V : Ela morreu de câncer também?

GY : De câncer de fígado, mas a causa morte, foi edema agudo de pulmão. Eeu sei que aí, depois foi a minha irmã, sempre mexendo com doença, viu?

G : Depois da aposentadoria.

GY : ...enfermeira!

V : E agora?

GY : Agora é a [Maria] Lídia [de Queiroz Rocha], a semana passada [apareceu um hóspede] fiquei envolvida com a família dele, com ele. Ali no [Hospital] Felício Rocho.

V : Como é que tá a Lídia? Como é que você vê a Lídia hoje?

GY : É um caso pior de depressão, [vive muito mais] [inaudível].

V : Como que você viu, a Lídia, a evolução da doença dela?

GY : Com muita tristeza. A gente vê aquele definhamento, não só físico, mas emocional, carente. Você percebe, você sente a carência afetiva.

V : E os filhos?

GY : O Eduardo, casou faz 2 meses, mas ele já tava assim afastando e a Elma, é muito ausente, ela da aula o dia todo, ate a noite. Ela é muito ausente; e a Lídia sente essa falta, sente isso, você conheceu, né, como ela era dedicada aqueles filhos.

V : Quer dizer que a Lídia praticamente está sendo cuidada por vocês?

GY : Não, está sendo cuidada por duas mocas que se revezam de 24 em 24 horas.

V : Mas teve um período que você ficava muito lá.

GY : Ë, dando mesmo a cuidar mesmo, banho, alimentação, é, é, massagens, esses cuidados todos a gente dava. Mas quando essas mocas assumiram e a fisioterapeuta, né, essa fisioterapeuta uma vez por semana, ela orienta, eu vou lá quase que diariamente, mas só mesmo pra dar presença sabe. Ela é faz pra gente perceber, ela demonstra gostar muito é de rezar. A gente reza com ela, né, reza pra ela porque ela nem acompanha mais ela consegue!

G : Mas tá lúcida ?

GY : Está lúcida.

V : Quem tem estado, é você e mais...

GY : Olha quem vai lá assim com mais frequência é a Noeme, se bem que tem a Conceição, Conceição, Conceição Lima, você lembra né, a Conceição ia também bastante; ela tá mexendo com [inaudível] já algum tempo que ela não vai, mas ela telefona com frequência. A a Efigênia, uma que foi colega dela, essa vai com muita frequência.

V : É, você participou, voltando um pouquinho no tempo, da CAEEEn? Conta pra gente essa historia da CAEEEn? [riso].[Coordenadoria de Assistência e Ensino de Enfermagem].

GY : Isso ai foi um sonho, né?

V : O sonho da CAEEEn

GY : Que sonho! Chegou a se realizar por pouco tempo, né? Parece que foi bom, marcou, mas foi muito, muito doloroso, né? Muito doloroso!

G : Conta pra gente por que que foi um sonho ? O que que a CAEEEn tinha de objetivo, o que que conseguiu fazer, o que que não deixou, porque que conseguiu porque que não conseguiu. Fa desse sonho pra gente.



GY : Era aquele idealismo que agente iniciou no Hospital São Francisco. Ensino e serviço, aquilo que era o objetivo, ensino e serviço; íamos trazer para o Hospital das Clínicas com a Escola, com muito esforço, houve, houve, encontrou-se muita resistência, né, mas chegou colocar em prática, chegou a realizar muita coisa boa e ainda hoje eu vejo tanta marca de CAEEEn lá, né?

G : Que marca que tem lá ?

GY : Aquela, aquela distribuição de serviço que tinha, a área física, distribuição da área física. É, aquela separação, né, de material, material usado, sujo, roupa, aquela passagem de roupa suja, aqueles corredores, é...

V : A divisão como unidade básica intermediária foi nesse período?

GY : Foi, foi nesse período, não, não deu certo, né? Isso não vingou, né?

V : Por que ? O que que impedia?

GY : A gente encontrou uma resistência enorme, uma, uma recusa dos médicos.

G : Por que recusaram ? Qual motivo dessa resistência ?

GY : Ele, eles achavam que, eles sentiram que estavam cedendo, né, que tinham que ceder, estavam cedendo e não concordavam, né?.

V : Muitas brigas?

GY : Muitas brigas, brigas ferozes.

V : E o [tema] que eles justificavam nessas [brigas].

GY : Não sei, desenvolvem cada uma queriam empurrar o tapete onde eles quisessem, né, onde, onde interessava a eles, eles eram. Era uma das principais causas de briga e desentendimento. Outra era o pessoal; eles tinham aquele pessoal deles considerava deles, né, aquela, é, é, como é que chama ? Aquele ranço de inveja que mandava na enfermagem, né? Então tinha o pessoal dele [inaudível] era outro motivo. “Ah fulano é minha , fulano é do meu setor, é minha, fulana é minha”.

V : E as enfermeiras ?

GY : As enfermeiras por sua vez houve algumas, né, que apresentou resistência.

V : E o motivo delas?

GY : Era [riso] que a Escola estava impondo, ia tomar conta mas só, só de, de teoricamente, né, na hora de fazer eram elas mesmas e que a Escola não, [inaudível] principalmente aquelas [GAI?] [inaudível]. Aí é negocio sério. A escola é que queria e elas é que faziam, houve muito, muito desentendimento.

V : E na Escola?

GY : A Escola não aceitava que ela, o pessoal estivesse lá, ficasse só lá, né, tinha que ter a carga dentro na Escola, a carga horária didática, né? Houve, houve dificuldade mesmo.

V : O pessoal que não queria ou vocês enfermeiras, [digo] vocês professoras.

GY :É.

V : Que tinha que tá lá.

GY : Tinha que estar nos 2 setores.

V : E dava conta, Gercy?

GY : Muito difícil, naquele início, ah muito difícil.

V.: Vocês ficavam lá muito tempo?

GY : Muito tempo.

## [FINAL DA FITA 2-A]

### FITA 2–LADO B

GY : A gente ficava no hospital e na escola ao mesmo tempo. Então era muito desgastante, né, exigia demais. A gente ficava no hospital até a noite, é, às vezes tinha que ficar no plantão pra ver, pra acompanhar os, pra ver o pessoal [inaudível]. Então, era muito cansativo, foi muito desgastante.

V : Quem participou, participava da CAEEEn da Escola?

GY : Era principalmente a Victória, a Yole, eu, Lídia...

G : Hermínia [Zoé Mazzoni Souza]?

GY : Hermínia]

V : E ai como é que acabou esse sonho?

GY : Eu saí, né, saí de licença antes de terminar e, o pessoal foi saindo, por não dar conta, por desanimado sentir que não valia a pena lutar mais. A resistência no hospital era tão grande, que não valia as pena, sabe? Então eu saí. Eu entrei de licença de saúde.

V : Por causa disso ?

GY : Tive uma crise de hipertensão, e não dei conta. A Lídia foi uma das últimas a sair, né, mas saíram por não, não encontrassem resposta positiva, que animasse.

V : Gercy você diria é a CAEEEn nasceu em continuidade ao que vocês fizeram no Hospital São Francisco, foi isso que você disse?

GY : É, é, é.

V : Foi o mesmo grupo praticamente.

GY : Foi o mesmo grupo e a mesma filosofia ampliada, né? Mais modernizada, atualizada.

V : E pras outras pessoas, Victória, e Yole, como é que foi essa, esse desencanto?

GY : Elas são duas pessoas muito entusiasmadas, né, eram profissionais com dedicação. Nunca se sentiram assim desencantadas não. “Ah não deu certo, se tiver oportunidade a gente passa pra outra, né”.

G : Gercy como que você vê a enfermagem hoje?

GY : Hoje menina, eu penso que [precisaria] entrar pra escola de novo!

G : Inclusive eu queria fazer uma pergunta [ sobreposição de vozes ] Você faria Enfermagem de novo? Ou faria Letras?

GY : Faria [Enfermagem de novo], poderia fazer até as duas. Hoje eu faria as duas coisas, eu não sei porque, ainda que eu não fui fazer letras, né.

G : Mas tá em tempo.

GY : Mas a enfermagem eu gostaria de, de reciclar, né? ,Porque tá tão diferente né?

G : Que que tá diferente?

GY : Eu vejo que é outra coisa, né? Eu penso assim pelos hospitais, a atuação é tão outra, né? E depois a tecnologia, essa tecnologia que tem tudo aí, que tá entrando aí, avançando tanta, tanta descoberta, né, tanto avanço da ciência, assim de um modo geral, né, da, da biociência, né?

V : E você vê essas mudanças no hospital. E na escola você vê mudanças, na nossa escola?

GY : Eu não estou muito a par, [inaudível] mas ainda é diretora, né, e tá havendo mudanças de currículo não é?

V : De novo.

GY : De novo, como é que vocês que estão diante dessas mudanças tão freqüentes, hein? Eu fico pensando, eu se tivesse...

V : Depois que você voltou da da CAEEEn, voltou da licença, alguma coisa que você gostaria de colocar, como é que foi a sua estadia, a sua permanência na Escola sua relação na Escola, suas atividades?

GY : Sim eu voltei pra Fundamentos mesmo.(...) [bastante tempo...]

V : E as eleições na Escola você se lembra ? Daquele movimento de eleição?

GY : Ë me lembro, me lembro. Já está na hora, né, de eleger outra [diretora] de novo.

V : Você chegou a participar de alguma coisa na administração da Escola, Gercy ?

GY : Não, eu só fui, participei uma vez como candidata a vice-diretora e fui sub-chefe do departamento.

V : E você era grande apoio, foi grande apoio na disciplina Fundamentos, com certeza., Tudo que a gente precisava... , da atadura, das aulas de ataduras que sempre a gente te pedia pra dar, lembra? Você era uma “expert” nisso!

GY : Era dona Daura, [Pacheco Ribeiro] né, que dava pra gente.

V : Dona Daura

G : Era dona Daura

GY : Depois era dona, dona, Daura passou pra nós, né?

V : E você deu aula pra mim de atadura, eu gostava.

G : Gercy, você quer falar mais alguma coisa.

GY : E umas ataduras trabalhosas.

V : Muito, aquela em espica.

GY : Espiral [riso].

G : Gercy você quer falar mais alguma coisa sobre, alguma coisa que a gente deixou de comentar?

V : Ô Gercy, você é solteira.

GY : Sou.

V : Como muitas de nós [risos] convictas, como muitas de nós. Me conta porque tanta enfermeira, assim solteira, na sua visão.

GY : Eu não sei se enfermeira, eu sei que no meu caso é familiar.

V : É, né?

GY : Você vê, a minha é solteira, a outra é solteira, tem ai cada tia ai tem uma, duas solteiras.

V : Então é familiar?

GY : É, aqui é, foi enfermeira...

V : Pessoal que mexia com a ABEn tem uma turma que não casa de jeito nenhum! [riso].

GY : Interessante, né.

V : Você não vê nenhuma relação com a profissão?

GY : Não, não vejo não.

V : O sistema COREN, COFEN, você chegou a participar?

GY : Não.

V : Sindicato?

GY : Não, nunca me [inaudível ]

V : [riso] ano era seu[perfil.]

GY : Entidades, né, não me envolvia.

G : Gercy, então a gente agradece você pela sua participação nessa história de Carlos Chagas.

GY : [riso].

FICHA 1

**[FINAL DA ENTREVISTA]**

**[FITA 2-B NÃO FOI TOTALMENTE GRAVADA]**

## **Ficha Técnica**

DATA: 28 de outubro de 1997

LOCAL: residência da entrevistada, em Belo Horizonte

Nº DE FITAS: duas

DURAÇÃO: 1 hora 40 minutos aproximadamente

ENTREVISTADORES: Geralda Fortina dos Santos

Valda da Penha Caldeira

Cláudia Dias de Lacerda Teixeira

TRAÇOS BIOGRÁFICOS E SUMÁRIO: Cláudia Dias de Lacerda Teixeira

CONFERÊNCIA DE FIDELIDADE: Valda da Penha Caldeira